

EDUCAÇÃO NAS CARTAS: A CONSTRUÇÃO DE UM OBJETO DE PESQUISA

■ JAQUELINE VIEIRA DE AGUIAR

<https://orcid.org/0000-0001-8091-1610>

Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

No século XIX, as epístolas eram o principal meio de comunicação usado pela população letrada. A prática surgiu da necessidade de comunicação entre pessoas distantes. Cartas amareladas, guardadas em gavetas e silenciadas pelo tempo têm aguçado cada vez mais o interesse de pesquisadores que privilegiam a escrita autobiográfica como fonte histórica. Este artigo tem por finalidade apresentar como se deu a construção de um objeto de pesquisa que elege como *corpus* documental cartas das Princesas Isabel e Leopoldina, enviadas aos pais Imperadores do Brasil em meados do século XIX, período em que foram educadas. Trata-se de pesquisa histórico-documental tendo como fontes principais as cartas das princesas brasileiras, oriundas do Arquivo Grão Pará (AGP), cujos escritos são testemunhos do vivido por suas autoras durante a infância e adolescência. O texto dialoga com autores que abordam métodos e técnicas aplicadas à análise de cartas e documentos autobiográficos. Ao se definirem como fonte e objeto de pesquisa, as cartas mostraram-se fundamentais na recomposição histórica da educação das princesas ao ampliar o olhar do historiador sobre a mesma, ocorrida durante a regência política do segundo Imperador do Brasil.

Palavras-chave: Educação. Cartas. Escrita autobiográfica. Princesa Isabel e Princesa Leopoldina. Brasil Império.

ABSTRACT

EDUCATION THROUGH LETTERS: THE CONSTRUCTION OF A RESEARCH SUBJECT

In the nineteenth century, letters were the main form of communication used by the literate population. This practice emerged from the need for communication between people who were distant from each other. Yellowish letters kept in drawers and silenced by time have been arousing the interest of researchers who prioritize autobiography writing as a historical source. This article aims to present the construction of a research subject which prioritizes as a documenta-

ry corpus the letters written by the princesses Isabel and Leopoldina sent to their parents, the emperor and empress of Brazil, during the middle of the nineteenth century, the period when they were educated. The article consists of historical documentary research, and its main sources are the letters of the Brazilian princesses kept in the “Grão-Pará” historical archive, which writings are a living testimony of their authors’ experiences during childhood and adolescence. The text establishes a dialogue with authors who discuss methods and techniques applied to the study of letters and autobiography documents. By assuming the role of source and research subject, the letters proved to be essential in the historical reconstruction of the education of these princesses by broadening the historian’s view on this topic, which occurred during the regency of the second emperor of Brazil.

Keywords: Education. Letters. Autobiography writing. Princess Isabel and Princess Leopoldina. Brazilian Empire.

RESUMEN **EDUCACIÓN EN LAS CARTAS : LA CONSTRUCCIÓN DE UN OBJETO DE INVESTIGACIÓN**

Em el siglo XIX, las epístolas eran el principaegênio de comunicación utilizado por la población letrada. La práctica nació de la necesidad de comunicación entre personas lejanas. Cartas amarillentas, guardadaemen cajones y silenciadas poregênempo han agudizado cada vez más el interés de investigadores que privilegian la escritura autobiográfica como fuente histórica. Este artículo tiene egênciacidad presenegêcômoegêncô la construcciónneme un objeto de investigación que elige como corpus documental cartas de las Princesas Isabel y Leopoldina enviadas a los padres Emperadores de Brasil a mediados del sigloegêncieemodo en que fueron educadas. Se trata de investigación histórico-documental teniendo como fuentes principales las cartas de las Princesas brasileñas, provenientes del Archivo Grão Pará, cuyos escritos son testimonios de lo vivido por sus autoras durante la niñegênciaciaescencia. El texto emloga con autores que abordan métodos y técnicas aplicadas al análisis de cartas y documentos autobiográficos. Al definirse como fuente y objeto de investigación, las cartas se mostraron funementales en la recomposición histórica de la educación de las Princesas al ampliar la mirada del historiador sobre ella, ocurridegênciae la regencia política del segundo Emperador de Brasil.

Palabras clave: Educación. Cartas. Escritura autobiográfica. Princesa Isabel y Princesa Leopoldina. Brasil Imperio.

Introdução

Figura 1 - Desenho de um ramo de flores.



Fonte: AGUIAR, Princesas Isabel e Leopoldina, 2015.

Numa manhã de outono, encontrava-me no Arquivo Histórico do Museu Imperial (AHMIMP), na cidade de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, em busca de documentos das Princesas Isabel e Leopoldina que pudessem me dar pistas sobre a formação educacional das duas meninas. Na estação anterior, havia passado várias tardes na Biblioteca do Museu Imperial (BMIMP), debruçada sobre trabalhos publicados a respeito das herdeiras do trono e da Coroa do Brasil, Isabel e Leopoldina de Orléans e Bragança. Ao realizar a leitura das obras com olhar voltado especificamente para a educação das princesas, constatei a existência de muitas obras sobre a vida, especialmente de Isabel e, por outro lado, um pequeno número de publicações, especialmente, sobre a instrução formal. Diante desse fato, agendei visita ao AHMIMP, pois se os livros e artigos pesquisados pouco “falavam” sobre a temática escolhida, fui em busca dos arquivos.

Quando marcamos uma visita a casas de guarda, geralmente, precisamos informar o que desejamos pesquisar, no entanto, ainda não havia definido o objeto da pesquisa, mas tinha noção de que investigaria a educação das filhas de D. Pedro II. A partir dessa informação, as arquivistas fizeram uma prévia sele-

ção de documentos, os quais ficaram à minha espera. E, finalmente, chegou o dia, uma manhã chuvosa na qual subi a serra petropolitana em direção ao AHMIMP. Logo na chegada, identifiquei-me como pesquisadora que objetivava realizar pesquisa vinculada a uma instituição superior de ensino.

Nesse dia, um dos primeiros documentos que tive contato foi a correspondência pessoal de Leopoldina e de sua irmã Isabel. As cartas fazem parte do acervo do Arquivo Grão Pará (AGP) pertencente aos descendentes da Família Imperial e encontram-se depositadas em comodato no AHMIMP. Dentre as epístolas lidas, destaco uma que chamou a atenção, cujo extrato pode ser conhecido por meio da transcrição abaixo:

14 de Março de 1860. 7 e ½ da manhã.

Minha Cara Mamãe.

Muitos parabéns pelo dia de hoje. Quando de manhã eu ouvi a música logo rezei por sua tenção, passei bem a noite e já mandei notícias telegraphicas. Hoje não dou lição porque é dia de seu annos. Aproveito d’este instantinho para lhe escrever e acabar a carta. De noite então acrescentarei alguã cousa. Hoje teria bastante vontade de me virar um passarinho para poder passar o dia com meus Caros Paes. Adeus minha querida Mamãe, aceite um abraço e um beijo bem do coração, e deite a Sua benção sobre esta Sua filha do coração. Isabel Christina Isabel Christina. M^ã Rosa, Domitilia, Condessa, M^le Templier, Totonha, Luiz Carlos, Chica, Francisca e Dominique lhe beijão a mão. Saudades a Jozefine e Gegé. [...]. (ISABEL, 1860).

Essa carta foi enviada à Imperatriz D. Teresa Cristina por sua filha Isabel no ano de 1860 e é composta por três páginas que se apresentam em papel de folha dupla e na cor branca, ainda que esteja um pouco amarelada devido ao tempo. O papel expõe bordas vincadas no formato de ondas em alto-relevo e o desenho de um ramo de flores na parte superior esquerda impresso e colorido, cuja imagem foi digitali-

zada¹ e pode ser conferida pelo leitor na abertura deste texto. Ao analisar esse objeto da cultura escrita, percebi em suas linhas um teor educativo e ainda as especificidades da escrita oitocentista, afinal, estava à minha frente, uma epístola de aproximadamente 150 anos.

A carta acima transcrita é apenas uma entre tantas outras enviadas pelas princesas aos pais a fim de informar o cotidiano educativo vivido por elas nos Paços de São Cristóvão e de Petrópolis, residência das meninas e dos soberanos do Brasil. No entanto, no dia 14 de março de 1860, a deferência especial ficou por conta da felicitação à mãe Imperatriz pelo seu aniversário. O rigor educacional a que estavam submetidas as herdeiras do trono era demasiado e as cartas tinham grande importância para que conseguissem aguentar todo esse processo educativo. Até porque havia uma carência afetiva por parte das meninas e que parece ser amenizada ao menos em dois momentos: quando escreviam relatando o cotidiano das lições e com a chegada de carta dos pais.

Ao realizar a leitura das cartas, ainda sem saber exatamente qual seria o *corpus* documental da pesquisa, fiz anotações e transcrições delas, ciente de que, problematizadas, as cartas teriam muito a “falar”² sobre a educação das princesas e, assim, passei mais de um ano lendo a correspondência das herdeiras do trono. E esse é justamente o propósito deste artigo, apresentar ao leitor como se deu a construção de um objeto de pesquisa que privilegia como *corpus* documental as cartas das Princesas Isabel e Leopoldina enviadas aos pais Imperadores do Brasil em meados do século XIX, período em que foram educadas para no futuro se tornarem capazes de substituírem ao pai Imperador, conforme linha de sucessão estabelecida na Constituição de 1824.

Num universo de aproximadamente 5 mil cartas originárias principalmente do arquivo pessoal da Família Imperial do Brasil, o AGP, foram selecionadas 339, que forneciam dados significativos à recomposição da formação educacional tanto de Isabel quanto de Leopoldina. A pesquisa qualitativa e histórico-documental elegeu como fontes principais especialmente as cartas das Princesas sobre sua formação educacional, trocadas entre elas, seus pais, seus mestres e parentes mais próximos. O recorte temporal estabelecido foi o período de 1854 a 1864, em que a primeira data marca o ano em que foi escrita a primeira carta com teor educativo; e a segunda, o casamento das duas, ocorrido no ano de 1864, quando finda a formação formal.

O texto dialoga com autores que abordam métodos e técnicas aplicadas à análise de cartas e documentos autobiográficos. Dentre eles, destacam-se: Maria Helena Camara Bastos, Maria Teresa Santos Cunha e Ana Chrystina Venancio Mignot, autoras do livro *Destino das letras: educação e escrita epistolar* (2002); Verónica Sierra Blas que publicou *Aprender a escrever cartas: los manuales epistolares en la España contemporánea (1927-1945)* (2003); Angela de Castro Gomes, autora do trabalho *Escrita de si, escrita da história* (2004); Inês de Almeida Rocha, autora do livro *Canções de amigo: redes de sociabilidade na correspondência de Liddy Chiapparelli Mignone para Mário de Andrade* (2012); Ana Chrystina Venancio Mignot, que escreveu o artigo *Exercício de intimidade: uma aproximação com a aprendizagem da escrita de si* (2013); Maria Teresa Santos Cunha, autora do livro *(Des)arquivar: arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente* (2019); e Maria Helena Ochi Flexor, que recentemente fez uma nova revisão, ampliação e publicação de sua pesquisa intitulada *Abreviaturas: manuscritos e documentos luso-brasileiros, séculos XVI ao XX* (2019).

1 Desenho de um ramo de flores – imagem digitalizada de uma das cartas da Princesa Isabel presente na obra de Aguiar (2015).

2 Sobre o termo consultar: Aguiar e Vasconcelos (2017a).

Além disso, chamo atenção do leitor para o fato de que, durante a pesquisa realizada no AHMIMP, antigo Palácio Imperial de Petrópolis e cenário do cotidiano das lições das Princesas, foram considerados alguns conceitos da metodologia etnográfica, como por exemplo, o princípio indutivo, o acúmulo descritivo de detalhes, uma prática utilizada pelo antropólogo Clifford Geertz, autor de *A interpretação das culturas* (2018). Nesse sentido, enquanto realizava a coleta de dados, passei a observar não só os documentos, mas também o cenário e as circunstâncias na qual efetuava a análise dos mesmos e principalmente hábitos e comportamentos de uma época descritos em singelos papéis de cartas de princesas, mas também de meninas que cresciam e se desenvolviam sob o olhar atento dos pais.

Primeiros passos da pesquisa: escolha do tema e busca por fontes em bibliotecas e arquivos históricos

Na primeira década do século XXI, quando iniciei a investigação sobre a educação das Princesas Isabel e Leopoldina, estudava em uma instituição superior de ensino localizada no município de Petrópolis, e as constantes idas a essa região para assistir às aulas despertaram em mim um grande encanto pela cidade. Marcada por monumentos construídos no século XIX, Petrópolis parece exalar história e, como historiadora e educadora, não poderia conter a curiosidade de saber mais sobre esse lugar tão instigante. Logo cheguei à Família Imperial, pois Petrópolis foi fundada a partir da construção do Palácio Imperial, iniciada em 1845, para ser a residência de veraneio da família, atraindo também importantes figuras políticas da Corte que acompanhavam o Imperador.

Naquele momento, eu ainda não sabia qual seria exatamente o meu objeto de pesquisa. A

resposta veio no final de 2009, quando a mídia já conjecturava quais seriam os candidatos à Presidência da República para as eleições de 2010, e, pela primeira vez, uma mulher liderava as pesquisas: Dilma Rousseff. Começavam os debates em torno da primeira mulher a ocupar o cargo que sempre pertenceu aos homens no sistema republicano. E foi nessa ocasião que me deparei com a história da Princesa Isabel, a primeira e única brasileira a se tornar regente no Brasil monárquico oitocentista.

Realizei então o primeiro recorte temático, no qual defini que a pesquisa versaria sobre a educação das Princesas Isabel e Leopoldina, visto terem recebido a mesma educação, a qual tinha como principal objetivo prepará-las para governar o Brasil. Entretanto, este foi apenas o primeiro passo, pois muitas decisões foram tomadas durante todo o percurso do estudo, a começar pela realização da revisão bibliográfica sobre o tema e a procura por fontes que comprovassem a viabilidade desta pesquisa histórico-documental.

Como informado anteriormente, a revisão bibliográfica sobre a educação das Princesas Isabel e Leopoldina constatou a existência de muitas obras especialmente sobre a vida de Isabel e, por outro lado, um diminuto número de publicações, especificamente, sobre a educação das princesas. A busca por fontes que respondessem às minhas indagações conduziu-me ao Arquivo Nacional (AN), localizado no Rio de Janeiro, e ao Museu Imperial em Petrópolis (MI), onde estão reunidos o AHMIMP e o AGP. Nesses arquivos, está guardado o maior número de documentos sobre a Família Imperial no país, entre os quais está a correspondência pessoal de seus membros. E, ao frequentar diariamente esses espaços de pesquisa privilegiados no estudo, acabei por me interessar pela historicidade dessas casas de guarda, o que pode ser conferido pelo leitor nos parágrafos a seguir.

No período histórico em que se convencionou chamar de Era Vargas (1930-45), ocorreu a criação do Museu Imperial e sua abertura ao público. Alcindo Sodrê, seu diretor, liderou uma equipe técnica que estudou a história da edificação e a localização dos objetos e peças pertencentes à Família Imperial com a finalidade de ilustrar o dia a dia de membros da Dinastia dos Bragança que lá viveram durante o século XIX, sendo banidos do Brasil após a Proclamação da República em 1889. Ao trabalho, juntaram-se consideráveis colecionadores nacionais que doaram objetos de interesse histórico e artístico. Assim, surgia o Museu Imperial, inaugurado em 16 de março de 1943, estabelecido no antigo Palácio Imperial de Petrópolis, a residência de férias do Imperador, prédio adquirido pelo governo dos descendentes da Princesa Isabel com um significativo acervo relativo ao período Imperial Brasileiro (AGUIAR, 2020).

No que se refere ao AHMIMP, no início, competia à Secretaria do Museu Imperial “a manutenção de um pequeno arquivo de documentos”, que funcionava em uma sala do próprio prédio do Museu Imperial. Não obstante, o Decreto nº 21.008, de 22 de abril de 1946, ampliou consideravelmente a finalidade da instituição que passava a “[...] recolher e classificar documentos manuscritos, relativos à monarquia brasileira, sob a forma de arquivo [...]” (SODRÊ, 1950, p.156). Começam a surgir, então, as doações de papéis, primeiramente os documentos provenientes dos primórdios da administração municipal de Petrópolis; em seguida, cartas trocadas por D. Pedro II entre personalidades do oitocentos como o Marquês de Paranaguá, o Barão de Capanema e a Condessa de Barral, preceptora das princesas. Além desses, vieram os livros da Mordomia da Casa Imperial do Brasil, os primeiros documentos são calculados em aproximadamente 20 mil (SODRÊ, 1950), mas ainda faltavam che-

gar os documentos da Família Imperial do Brasil e Real Portuguesa.

Ainda no século XX, mais precisamente na década de 1930, lá no Castelo D’Eu, os documentos privados da Família Imperial, inéditos para pesquisa até então, começaram a ser franqueados a pesquisadores pelo Príncipe do Grão Pará. Os primeiros a consultar a documentação privada foram: Pedro Calmon, autor da “trilogia” de obras sobre os “reis brasileiros [...]” (D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II) e também biógrafo da Princesa Isabel; Heitor Lyra (1938) e o biógrafo de D. Pedro II Alberto Rangel³ (1935), que escreveu a história da vida do Conde D’Eu. Na época, esse último escritor foi contratado pelo Príncipe do Grão Pará, para inventariar os papéis de caráter privado da Família Real de Portugal e Imperial do Brasil. O trabalho foi publicado em dois tomos com 14 mil verbetes e aproximadamente 40 mil documentos pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN) em 1939⁴ (FRAGUAS, 2019). Apesar disso, o inventário não inclui a correspondência mais íntima entre os membros da família, portanto, tudo indica que, antes da disponibilização dos documentos para serem inventariados pelo escritor, tenha sido feita uma seleção e separação.⁵

Para entender como chegaram ao AHMIMP, o Arquivo da Casa Imperial do Brasil (POB) e o AGP e, conseqüentemente, também as cartas das princesas, será preciso lembrar da revogação da Lei do Banimento da Família Imperial em 1920. Alguns anos depois, começa a acontecer no Brasil um movimento para que a documentação privada da Família Real de

3 Alberto do Rego Rangel (PB/1871-RJ/1945). De 1930 a 1935, Rangel teve acesso ao Arquivo da Família Imperial durante a pesquisa no Castelo D’Eu, na França, delas resultando a biografia do *Último Conde d’Eu* (1935) e *Educação do príncipe* (1945).

4 Esses dois volumes formam o inventário com descrições resumidas dos documentos com o qual se trabalha até hoje no AHMIMP.

5 Sobre o assunto, consultar também: Aguiar e Vasconcelos (2017b).

Portugal e Imperial do Brasil “retornasse” ao país. Em 1940, período em que o museu estava sendo composto para abrir as portas ao público, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) aprovou uma moção apelando para que esses documentos fossem trazidos para o Brasil, mas a eclosão da Segunda Guerra Mundial e a morte do Príncipe do Grão Pará retardariam o processo. É importante destacar que durante as duas Guerras Mundiais, houve riscos à integridade física da documentação, que poderia ser destruída caso o castelo fosse bombardeado, por exemplo (FRAGUAS, 2019). Enfim, após a moção realizada, a criação do Museu Imperial, bem como sua inauguração e abertura ao público em 1943, o POB foi doado ao recém-criado museu, em 1948, por D. Pedro Gastão de Orleans e Bragança, bisneto de D. Pedro II. As negociações para a doação foram concluídas em 1949, conforme processos nº 675/1947 e anexos e nº 123/1949 (FRAGUAS, 2019).

No entanto, apenas em 1999, parte dos documentos íntimos da Família Real de Portugal e Imperial do Brasil que formam o AGP foi disponibilizada sob a custódia do AHMIMP em regime de comodato, ou seja, os documentos não pertencem ao museu, mas, este é responsável por sua guarda, conservação e disponibilização aos pesquisadores. O AGP é formado por acervo museológico, bibliográfico e arquivístico, e pertence aos descendentes de D. Pedro II. Os papéis, dentre eles as cartas das princesas, são de foro íntimo, esses documentos não foram totalmente catalogados por Alberto Rangel, apenas o que ele identificou como “Catálogo C”, compreendidos como manuscritos raros e ainda em poder da família.

Assim, temos num mesmo local o POB e o AGP, que dizem respeito a uma mesma pessoa: Pedro de Orléans e Bragança, o Príncipe do Grão Pará. E em termos arquivísticos, conceitualmente, o POB e o AGP formam um mesmo fundo: a documentação privada da Família Real

de Portugal e Imperial do Brasil. Lembrando que, de acordo com Martín Abad (2006, p. 11, tradução nossa), “um fundo é um conjunto de manuscritos relacionados que nos permitem conhecer a história intelectual de uma coletividade, mas também a de um indivíduo [...]”. Entretanto, é importante frisar que nem todos os documentos pertencentes aos herdeiros de D. Pedro II e oriundos do AGP foram entregues ao arquivo histórico, há ainda vários outros em poder de membros da família.

Atualmente, o AHMIMP contempla em torno de 250 mil documentos, desses, cerca de 30 mil provenientes do AGP, formado basicamente pela correspondência íntima dos membros da Família Imperial, os cadernos e materiais de estudos de Isabel e Leopoldina identificados como “Trabalhos Escolares das Princesas”, além de fotografias e outros documentos bastante significativos do período monárquico. Já o POB compõe-se por aproximadamente 40 mil documentos ou 22,03 metros lineares, relativos ao período de 1249 a 1932, mais os documentos sem data. Entre esses documentos estão correspondências do Imperador com cientistas e intelectuais, com políticos, militares e diplomatas, minutas de documentos oficiais, resumos das reuniões do conselho de estado, além dos diários da Imperatriz Teresa Cristina e os de D. Pedro II e vários outros documentos predominantemente de caráter familiar e pessoal.

Assim, pesquisadores do Brasil e do mundo podem ter acesso ao AHMIMP, às cartas das Princesas e a uma variedade de documentos majoritariamente de cunho privado, bastando apenas entrar em contato com o setor responsável e informar sua demanda.⁶ Quanto ao AGP, a consulta para leitura também é permitida, mas é preciso atentar para o fato de que, se precisar publicar imagens pertencentes às casas de guarda cita-

⁶ Link para consulta: <<http://museuimperial.museus.gov.br/dami/>>.

das, será necessário solicitar autorização por escrito aos seus respectivos diretores.⁷

Mas o leitor deve estar se perguntando, e qual a relação das cartas das Princesas com a formação educacional recebida pelas duas herdeiras do segundo Imperador do Brasil? As cartas disponibilizadas ao grande público desde 1999 no AHMIMP tiveram grande importância no cotidiano educativo das Princesas Isabel e Leopoldina, logo, peço que continue a leitura para que possa entender o porquê.

Cartas como coadjuvantes no cotidiano das lições de mulheres educadas para governar: a construção do objeto

Em meados do século XIX, quando chegava a estação verão e até em outros meses do ano, as Princesas Isabel e Leopoldina residentes oficialmente no Paço de São Cristóvão no Rio de Janeiro, dirigiam-se para Petrópolis, onde passavam longas temporadas na casa de veraneio da famí-

lia e nem sempre estavam acompanhadas pelos pais, mas sim pela preceptora Condessa de Barbal, mestres, damas e médicos da Casa Imperial do Brasil. Nesse sentido, a troca de cartas e bilhetes era o meio utilizado pelas duas meninas para se comunicar com os pais. A utilização da comunicação escrita fazia-se necessária, pois a distância entre eles ocorria por vários motivos.

Quando os Imperadores D. Pedro II e D. Teresa Cristina viajavam, enviavam correspondências às filhas para se informar sobre o estado de saúde das princesas e também sobre as lições recebidas diariamente por elas. Isso ficou evidente nas cartas escritas pelo pai e enviadas às princesas quando este visitou juntamente com a esposa, entre os meses de outubro de 1859 a janeiro de 1860, as províncias do “Norte”: Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco. Na carta enviada, percebe-se sua preocupação com a educação da filha ao afirmar: “Continue a dar boas lições” (PEDRO II, 1859). Mesmo a distância, o Imperador fazia questão de se mostrar presente, incentivando as princesas a estudarem (Figura 2).

Figura 2- Princesa Isabel e Princesa Leopoldina entre cadernos e livros, 1858



Fonte: FBN.⁸

7 Desde a instauração da pandemia de covid-19, em março de 2020 no Brasil, as casas de guarda têm estabelecido normas específicas para consulta e disponibilização do acervo, visando proteger documentos e consulentes, assim sendo, faz-se necessário se informar previamente antes de se dirigir às instituições de memória e preservação.

8 A Figura 2 é composta por fotografias da Princesa Isabel e da Princesa Leopoldina que pertencem ao acervo da FBN.

Também na residência da família a comunicação escrita se fazia presente, pois as meninas não tinham autorização para andar pelos corredores desacompanhadas e a qualquer hora do dia (LACOMBE, 1989; ARGON, 2006). Além disso, as responsabilidades como Imperador do Brasil ocupavam grande parte do tempo de D. Pedro II, portanto, nem sempre as princesas conseguiam falar com o pai quando desejavam. Apenas quando o monarca se transformava em mestre das filhas, a comunicação se tornava mais fácil entre eles, mas, nesse caso, ele deixava de ser apenas o pai para se tornar um rigoroso professor das meninas, como fica evidenciado em carta por ele enviada às filhas:

Rio 28 de março de 1861

Minhas Caras Filhas

[...] Ah! vai um abraço por boas festas e domingo terão as caixinhas de amêndoas que eu mesmo escolherei para serem bonitas. Não me conterão só com a figura geométrica; quero também uma semana, pelo menos, de lições muito bem dadas... (PEDRO II, 1861).

Toda a preocupação com a formação das princesas expressa na epístola justifica-se, afinal, a partir de 1850, com a morte do último filho varão do Imperador Pedro II, Isabel tornou-se a Princesa Imperial, aquela que iria substituir o monarca quando chegasse o momento oportuno, e o mesmo aconteceria com Leopoldina na falta da irmã. Assim, as duas mulheres foram educadas para governar o Brasil.

Quando recebiam cartas dos pais, Isabel e Leopoldina respondiam com informações sobre o cotidiano das lições, o que acabou por tornar esses escritos em coadjuvantes do projeto educativo ao qual estavam submetidas. As cartas escritas pelas Princesas eram inicialmente rascunhadas, corrigidas pelos mestres e depois copiadas em papéis ornamentados. Esse procedimento era adotado porque as cartas não só informavam ao pai o andamen-

to do aprendizado das meninas, mas também o expressavam concretamente. No momento em que o Imperador recebia as cartas, verificava desde a caligrafia até o seu estilo e o teor. Para passar por esse escrutínio, elas precisavam estar impecáveis. Dessa forma, as cartas das princesas possibilitaram o acesso a informações ainda não reveladas sobre a formação das futuras soberanas, razão pela qual se constituíram não somente em fonte, mas também em objeto da pesquisa.

No contato com o acervo do AGP, disposto em comodato no AHMIMP, foi constatado que as cartas da Princesa Isabel estão em maior número em relação às de Leopoldina, sendo que Isabel possuía o hábito de mencionar as atividades educativas realizadas também pela irmã mais nova, o que possibilitou a análise do processo de formação das duas herdeiras do trono. Além disso, foram selecionadas cartas de alguns dos mestres de Isabel e de Leopoldina, os quais costumavam se comunicar com as princesas e com seus pais por meio de bilhetes e correspondências. As informações obtidas foram importantes por permitirem um maior entendimento sobre a relação estabelecida entre mestres, pais e alunas.

Dentre as cartas de membros da Família Imperial residentes na Europa e selecionadas para o estudo, estão as de D. Amélia de Leuchtenberg e as de Francisca de Joinville. D. Amélia, viúva de D. Pedro I, considerava D. Pedro II como filho e, conseqüentemente, Leopoldina e Isabel como netas. Francisca era irmã do Imperador, portanto, tia das meninas. Essas cartas contêm importantes elementos referentes à educação das princesas, pois os familiares buscavam por notícias da progressão da formação das meninas e procuravam contribuir com a instrução das duas de alguma forma. Todavia, é preciso considerar que, segundo Rocha (2012, p. 384), “as cartas de família” nem sempre manifestam a verdade, já que

“[...] a escrita é plena em silêncios, eufemismos, não verdades, ou, talvez, breves mentiras e desvios”.

As epístolas do século XIX seguiam todo um protocolo a ser compreendido. Entre os símbolos encontrados, percebe-se que, quando as cartas pretendiam comunicar um episódio alegre, como cumprimentar pelo aniversário do destinatário, usava-se um papel de carta especial com flores ou bordado. Caso o objetivo fosse informar o falecimento de alguém, o luto já era expresso no papel por meio de bordas pretas. Contudo, se a finalidade era amenizar uma saudade sentida, colocava-se uma mecha de cabelo no conteúdo da missiva.

O ato de receber e de enviar cartas desperta as mais variadas emoções. A chegada de notícias de pessoas entrelaçadas por relações sentimentais, como no caso de pais e filhos, justifica a escrita de cartas e fortalece o elo estabelecido entre elas. As princesas se sentiam cansadas em alguns momentos, por causa da intensa rotina de estudos, e ainda havia o agravante de estarem longe dos pais, mas é neste instante que a chegada de uma epístola fazia toda a diferença, acalmando os espíritos e incentivando-as a darem “boas lições”. E, hoje, essa escrita epistolar guardada em gavetas de arquivos tornou possível compreender traços da escrita feminina e da educação de mulheres governantes do Brasil oitocentistas.

Metodologia da escrita epistolar: ler, selecionar, anotar e analisar

As cartas selecionadas para a pesquisa apresentam toda uma variedade de detalhes relacionados aos costumes da época, cujos conhecimentos não foram adquiridos na escola, mas sim no espaço doméstico, local onde as meninas estudavam com a preceptora Condessa de Barral e seus mestres diariamente das 7h às 21h30 ou até às 22h, entre os anos de 1850

a 1864. Geralmente, os escritos das princesas eram recebidos e remetidos por meio de vapor, correio e/ou por um funcionário da Casa Imperial. Em meados do século XIX, período pesquisado, havia um sistema de correio bastante sistematizado, e usado por grande parte da população letrada, ainda que a Casa Imperial também contasse com mensageiros próprios, incumbidos de fazer chegar a correspondência entre os soberanos.

A maioria das cartas e documentos selecionados é manuscrita e redigida em língua portuguesa. Porém há cartas em italiano, alemão e francês que foram traduzidas. Cabe destacar que, mesmo os documentos em português, requisitaram técnicas de leitura e compreensão, visto que o vocabulário, a ortografia e a caligrafia referem-se à escrita do século XIX e apresentam-se de forma abreviada, razão pela qual foram empregados métodos e técnicas provenientes da obra de Flexor (2019). E, para possibilitar ao leitor a inserção no texto original, bem como para que possa compartilhar as transformações históricas por que passa a escrita das diferentes línguas, entre elas a portuguesa, as citações das fontes consultadas foram mantidas com sua ortografia original. As cartas tomadas como objeto e fonte de pesquisa foram lidas, utilizando-se de referências, métodos e conceitos aplicados à análise de escrita epistolar e de documentos autobiográficos.

Ao longo da pesquisa, foram considerados alguns dos aspectos intrínsecos e extrínsecos das cartas trocadas entre as princesas, seus pais, seus mestres e seus familiares mais próximos. Nesse sentido, buscou-se analisar não só o conteúdo, mas também as especificidades da materialidade das cartas, no que se refere a itens como o papel, a escrita do texto, tinta usada, marcas, símbolos, margens, desenhos, cores, espaços em branco, datação, tratamentos, fechamentos, colocação das assinaturas e pós-escrito.

No AGP, encontram-se arquivadas sete cartas da Princesa Leopoldina remetidas ao pai entre os anos de 1856 a 1865 e, ainda, sete cartas da mesma princesa escritas à mãe, no período de 1859 a 1867. Dessas, foram selecionadas oito cartas relativas ao período de 1856 a 1862. No mesmo arquivo, estão catalogadas 814 cartas da Princesa Isabel ao pai, relativas aos anos de 1855 a 1891, e 673 enviadas pela princesa à mãe no período de 1854 a 1889. Dessas, foram selecionadas 225, que abrangem um período que vai de 1855 a 1862. A seleção tomou como critério o período em que as princesas encontravam-se em plena formação educacional e escreviam sobre as lições.

Durante a pesquisa, constatei que não havia diferenças significativas no tipo de papel utilizado pelas princesas, logo, uma folha usada por Leopoldina poderia também ser usada por Isabel desde que não fossem personalizadas com seus nomes. A maioria das cartas possuía o símbolo da Coroa Imperial e o nome de

seu remetente. Quanto às dimensões das cartas das princesas, não havia um padrão, pois foram encontrados vários tamanhos, sendo o menor 11,3 cm e o maior 20,8 cm.

Quando as princesas precisavam de papel, recorriam à mãe, D. Teresa Cristina. Na epístola enviada pela Princesa Isabel à Imperatriz, de Petrópolis, em março de 1858, a menina faz a seguinte solicitação: “Mamãe, faça favor de vê na cidade para mim e para a mana papeis da espécie d`estes em que eu lhe escrevi ontem e lhe escrevo hoje” (ISABEL, 1858). Não foi possível identificar o fabricante, mas, acredita-se que fossem comprados em uma loja na Rua do Ouvidor, no centro do Rio de Janeiro. Essa rua concentrava casas comerciais especializadas em objetos importados e Isabel, em diversas missivas, menciona a Rua do Ouvidor e solicita aos pais vários produtos.

A seguir, está o Quadro 1 com formas de tratamento, fechamento, pós-escrito e assinaturas encontradas nas cartas da Princesa Leopoldina no período de 1855-1862.

Quadro 1 – Formas de tratamento, fechamento, pós-escrito e assinatura nas cartas da Princesa Leopoldina no período de 1855-1862

PRINCESA LEOPOLDINA	TRATAMENTO
Cartas da Princesa Leopoldina enviadas à mãe até 1855	-
Cartas da Princesa Leopoldina enviadas à mãe após 1855	Minha querida Mamãe
Cartas da Princesa Leopoldina enviadas ao pai até 1855	-
Cartas da Princesa Leopoldina enviadas ao pai 1856-1864	Meu querido Papae/Caro Papae
Cartas da Princesa Leopoldina enviadas no período de 10/1859 a 01/1860 – Viagem dos Imperadores ao “Norte” do Brasil	Meus Caros Paes
FECHAMENTO NAS CARTAS DA PRINCESA LEOPOLDINA	
Adeus Meu querido Papae/ Minha querida Mamãe/ Meus Caros Paes, deem a sua benção e aceitem um abraço de sua filha do coração	
PÓS-ESCRITO NAS CARTAS DA PRINCESA LEOPOLDINA	
Mãe Rita, Bebê, Chica, Totonha, Condessa Mlle, Dominique, Francisca e todos lhe beijão a mão. Saudades a Josefina Gegé e ao Visconde de Sapucahy	
ASSINATURA DA PRINCESA LEOPOLDINA	
Leopoldina Thereza	

Fonte: elaborado pela autora.

Entre as cartas das princesas selecionadas para a pesquisa, a maioria foi escrita com tinta preta, em papel sem pauta de cor branca, embora a tonalidade do papel branco oitocentista fosse diferente dos dias de hoje. A maioria apresenta marcas de dobradura e, ao que tudo indica, para acondicionamento em envelope. Algumas cartas foram escritas com tinta ferrogálica e por ser feita à base de ferro, esse tipo de tinta costuma causar um processo de cor-

rosão no papel, tornando-se uma ameaça aos documentos em arquivos e bibliotecas. Ainda bem que poucas são as cartas das princesas consultadas que exibem a tinta ferrogálica na caligrafia, ao contrário de D. Pedro II que parece ter preferido esse tipo de caneta tinteiro.

Abaixo, encontra-se o Quadro 2 com formas de tratamento, fechamento, pós-escrito e assinatura encontrados nas cartas da Princesa Isabel no período de 1854-1862.

Quadro 2 – Formas de tratamento, fechamento, pós-escrito e assinatura nas cartas da Princesa Isabel no período de 1854-1862

PRINCESA ISABEL	TRATAMENTO
Cartas da Princesa Isabel enviadas à mãe até 1855	Minha Cara Maman
Cartas da Princesa Isabel enviadas à mãe após 1855	Minha querida Mamãe
Cartas da Princesa Isabel enviadas ao pai até 1855	Meu Caro Papá
Cartas da Princesa Isabel enviadas ao pai 1856-1862	Meu querido Papae/Caro Papae
Cartas da Princesa Isabel enviadas no período de 10/1859 a 01/1860 – Viagem dos Imperadores ao “Norte” do Brasil	Meus Caros Paes
FECHAMENTO NAS CARTAS DA PRINCESA ISABEL	
Adeus Meu querido Papae/Minha querida Mamãe/ Meus Caros Paes, deem a sua benção e aceitem um abraço de sua filha do coração	
PÓS-ESCRITO NAS CARTAS DA PRINCESA ISABEL	
Mãe Rosa, Domitília, Condessa, Mlle Templier, Totonha, Chica, Francisca, Dominique, Bernarda, D. Anna, Almeida, Luiz Carlos, Madeira, Monsenhor, Valdetaro, Valadão e Borges lhe beijão a mão	
ASSINATURA NAS CARTAS DA PRINCESA ISABEL	
Até o ano de 1859 – “Isabel Christina” Após o ano de 1859 e até 1864 - “I.C.”	

Fonte: elaborado pela autora.

Como se pode verificar nos Quadro 1 e 2, tanto as correspondências de Leopoldina quanto as de Isabel oferecem variações no tratamento ao longo dos anos. Nas enviadas por Isabel à mãe até o ano de 1855, o tratamento dado é “Minha Cara Maman”. Nas missivas remetidas ao pai até 1855, Isabel se refere ao Imperador como “Meu Caro Papá”. Não foram encontradas cartas enviadas por Leopoldina aos pais até o ano de 1855. Nas posteriores a essa data, as duas meninas escrevem “Minha querida Mamãe”. Nas cartas enviadas por Leo-

poldina ao pai a partir de 1858, o tratamento dado é “Meu querido Papae”.

Há de se observar que as epístolas enviadas entre os anos de 1856 e 1859 estão catalogadas no AGP como de Isabel a D. Pedro II, porém estas destinam-se tanto ao pai quanto à mãe, pois começam da seguinte forma: “Meus Caros Paes”. Apenas quando acontece a viagem dos soberanos às províncias do “Norte”, em outubro de 1859, a princesa passa a escrever “Meu querido/Caro Papae” nas cartas remetidas ao soberano. O mesmo ocorre com a carta de Leo-

poldina ao pai relativa ao ano de 1856. Devido a esse fato, tornou-se necessário uma maior atenção às cartas enviadas pelas Princesas no período informado, e assim ler, selecionar e analisar, distintamente, os trechos em que elas se dirigem ao pai e à mãe.

Nas epístolas, as princesas geralmente obedeciam à margem e também registram o local, a data e, às vezes, até a hora em que escreviam. A letra é sempre cursiva, havendo a presença de algumas abreviaturas, principalmente na datação, no fechamento e no pós-escrito. Quanto ao fechamento do texto das cartas, a forma mais usada pelas princesas era “Adeus Meu querido Papae/ Minha querida Mamãe/ Meus Caros Paes, deitem a sua benção e aceitem um abraço de sua filha do coração”. Era assim que se despediam do pai, da mãe ou dos pais, respectivamente.

Havia, ao final da carta, o pós-escrito que se resumia em informar ao pai e/ou à mãe que as pessoas que estavam em sua companhia “beijavam-lhes a mão”, como exposto nos Quadros 1 e 2. Entre as pessoas citadas pelas meninas, estão a preceptora, os mestres, as damas e os médicos das princesas. Desse modo, os imperadores eram prestigiados e também tomavam conhecimento daqueles que estavam com suas filhas seja “cuidando” ou “educando-as”.

Leopoldina não apresentou alteração em sua assinatura entre os anos de 1856 e 1862. A menina possuía o hábito de assinar “Leopoldina Thereza”. A assinatura de Isabel sofreu alterações com o tempo, pois até o ano de 1859 ela costumava assinar “Isabel Christina”. A partir do ano seguinte, é possível encontrar também “I.C.”, iniciais de seu nome.

As cartas das princesas eram escritas principalmente em três momentos: nos intervalos das lições, quando se recolhiam para dormir em seus quartos, e/ou de manhã, logo que acordavam. A maioria apresenta letra legível e bem desenhada, mas há alterações ao longo

dos anos. Tomo como exemplo as missivas das princesas relativas aos anos de 1854 a 1856, que exibem letras grandes e levemente tremidas, o que é normal, afinal, estavam iniciando a arte da escrita epistolar. A mudança significativa começa nas cartas escritas por Leopoldina e Isabel entre os anos de 1859 e 1862, algumas dessas correspondências apresentam garranchos, borrões e rasuras, e dão a impressão de que a escrita acompanhava as transformações hormonais por quais passavam seus corpos, já que estavam na fase da adolescência.

Em relação ao número de linhas escritas pelas princesas, há uma diferença significativa durante os anos de 1854 a 1862. As cartas escritas por Isabel referente aos anos de 1854 a 1855 apresentam de seis a oito linhas. As escritas pelas duas princesas no período de 1856 a 1862 contêm em média de 16 a 30 linhas, mas as cartas de Leopoldina se apresentam sempre mais curtas do que as da irmã mais velha. Em várias cartas, a caçula afirma ter preguiça para escrever, o que pode ser entendido também como uma dificuldade para ela.

Sierra Blas (2003, p. 129) chama a atenção para a importância da caligrafia que define “a estética da carta e causa a primeira impressão ao destinatário”. Ela argumenta que uma das primeiras características que uma carta deve ter é a de facilitar a leitura – afinal, só pode ser lida e entendida adequadamente se for bem escrita. E essa era uma das preocupações de D. Pedro II que constantemente repreendia às filhas quanto a caligrafia expressa em suas missivas.

Assim, fecho as cartas das princesas, objetos da cultura escrita que possuem regras impostas por outro ritmo de tempo, no qual as distâncias pareciam maiores, já que as missivas custavam a chegar e também demoravam para retornar, o que provocava em seu destinatário expectativas e sensações que poderiam variar de alegrias a tristezas. É nesse universo

que a pesquisa buscou se inserir, convidando o leitor a viajar no tempo e buscar indícios para compreender como ocorria a educação de mulheres governantes, cujas pistas se encontram presentes na própria expressão da cultura escrita oitocentista: as cartas.

Considerações finais

O costume de escrever cartas era constante entre as mulheres letradas do século XIX, esse era o momento em que suas mentes viajavam por meio das palavras, estivessem elas em seus quartos, sentadas junto à mesa ou numa aconchegante escrivaninha. E com Isabel e Leopoldina não era diferente. Tive o privilégio e a honra de passar os últimos anos em contato direto com esses manuscritos e a cada página que folheava, acompanhava os relatos e as transformações que ocorriam em suas vidas com o passar do tempo. Das páginas, emergiram duas meninas alegres, sorridentes, engraçadas, e, também, dedicadas e cientes de seu dever: estudar para um dia governar.

Ao eger as cartas como fontes privilegiadas para se analisar aspectos da educação das princesas, elas constituíram-se não apenas como o “lugar” e a “referência” das informações obtidas, mas como o próprio componente a ser investigado. Além disso, ao desvelar, a partir das epístolas trocadas entre as Princesas e seus destinatários, elementos antes não considerados para a recomposição da educação recebida pelas herdeiras do trono, buscou-se contribuir com uma outra interpretação da trajetória educacional dessas mulheres nobres, cuja principal forma de comunicação pessoal era a escrita sob a forma de cartas e bilhetes.

Uma vez decidido o objeto do estudo, a educação das princesas presente nas cartas no que trata dos testemunhos escritos sobre alguns aspectos da formação recebida pelas

princesas, busquei por bibliografia e referenciais teóricos que orientassem os caminhos a serem percorridos durante a investigação. Em seguida, “vasculhei” as cartas, no intuito de buscar, por meio delas, recompor o cotidiano de educação das herdeiras do trono, assim como o contexto em que ocorria. Nas cartas pesquisadas, há toda uma codificação implícita e explícita, cujos símbolos analisados permitem que se possa recompor não só alguns aspectos significativos da vida de quem os escreve, mas também o contexto que emerge da escrita.

Pesquisar as cartas da Família Imperial foi profundamente instigante, pois, a cada carta aberta, algo novo se revelava. É importante acrescentar que o fato de estar investigando a formação das princesas, no local onde elas passavam os dias estudando, foi extremamente inspirador. Pode-se afirmar que a antiga casa de veraneio do Imperador, hoje Museu Imperial, carrega consigo não só um rico material de pesquisa como os documentos e objetos da Família Imperial, mas também as marcas de um tempo que não se apaga.

Assim, a análise das características físicas e do conteúdo das cartas das princesas mostrou-se fundamental na recomposição histórica da educação das herdeiras do trono, ao ampliar o olhar do historiador sobre esta, ocorrida durante a regência política do segundo Imperador do Brasil. Por fim, a imersão em escritos autobiográficos das princesas tornou possível conhecer não só a trajetória educacional das meninas, mas também a construção de suas identidades ao longo dos anos.

Referências

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. **Princesas Isabel e Leopoldina**: mulheres educadas para governar. Curitiba: Appris, 2015.

AGUIAR, Jaqueline Vieira de.; VASCONCELOS, Maria

Celi. Chaves Fazer falar papéis silenciados: a pesquisa com cartas das princesas Isabel e Leopoldina. In: 6º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa - Investigação Qualitativa na Educação, 2017, Salamanca. **Anais...** Aveiro: Editora Ludomedia, 2017a. v. 1. p. 754-762.

AGUIAR, Jaqueline Vieira de; VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. A Escrita Epistolar como objeto de pesquisa: um estudo sobre as cartas das princesas brasileiras. **Indagatio Didactica**, Portugal, Universidade de Aveiro, vol. 9 (3), p. 113-127, nov. 2017, 2017b. DOI: <https://doi.org/10.34624/id.v9i3.628>

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. **Cadernos de lições: a educação das princesas Isabel e Leopoldina nos paços imperiais (1850-1864)**. 2020. 346f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

ARGON, Maria de Fátima Moraes. Reflexões sobre o arquivo da família imperial e o papel de d. Pedro II na sua formação. **Tribuna de Petrópolis**. 08 e 15 abr. 2001. Disponível em: <http://ihp.org.br/26072015/lib_ihp/docs/mfma20010408t.htm>. Acesso em: 31 ago. 2022.

ARGON, Maria de Fátima Moraes. A Princesa desconhecida. *Revista Nossa História*, ano 3, n. 36, p. 74-77, 2006.

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). **Destino das Letras: educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002.

CARTA da Princesa Isabel a D. Teresa Cristina. Petrópolis, 14 de março de 1860. AGP- XLI-4. Arquivo Grão Pará.

CARTA da Princesa Isabel a D. Pedro II. Petrópolis, 16 de março de 1858. AGP - XLI-3. Arquivo Grão Pará.

CARTA de D. Pedro II a Princesa Isabel. Recife, 28 de novembro de 1859. AGP- XXXIX-1. Arquivo Grão Pará.

CARTA de D. Pedro II à Princesa Isabel. Rio de Janeiro, 28 de março de 1861. AGP- XXXIX-1. Arquivo Grão Pará.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **(Des)arquivar: arqui-**

vos pessoais e ego-documentos no tempo presente. São Paulo: Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2019.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Abreviaturas: manuscritos e documentos luso-brasileiros, séculos XVI ao XX**. 5ª ed. rev. e aum. Curitiba: CRV, 2019.

FRAGUAS, Alessandra Bettencourt Figueiredo. **Entre Júpiter e Prometeu, a complexa trajetória de D. Pedro II: um agente no campo científico (1871 - 1891)**. 2019. 207f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Gen/LTC, 2018.

GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

LACOMBE, Lourenço Luiz. **Isabel: a princesa redentora**. Petrópolis: Instituto Histórico de Petrópolis, 1989.

LYRA, Heitor. **História de d. Pedro II**. Itatiaia/Edusp: Belo Horizonte, 1938.

MARTÍN ABAD, Julián. In: Seminario de Archivos Personales, 2004, Madrid. **Anais...** Madrid: Biblioteca Nacional, 2004.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Exercício de intimidade: uma aproximação com a aprendizagem da escrita de si. **Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, Universidade do Estado da Bahia, v. 22, n. 40, p. 237-246, jul./dez. 2013. DOI: [10.21879/faeeba2358-0194.2013.v22.n40.p237-246](https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2013.v22.n40.p237-246)

PRINCESA Isabel [entre cadernos e livros] - Fotografia de Victor Frond. Fundação Biblioteca Nacional. 1858.

PRINCESA Leopoldina [entre cadernos e livros] - Fotografia de Victor Frond. Fundação Biblioteca Nacional. 1858.

RANGEL, Alberto. **Gastão de Orléans: o último conde D'Eu**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1935.

RANGEL, Alberto. **A educação do príncipe**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editôra, 1945.

ROCHA, Inês de Almeida. **Canções de amigo:** redes de sociabilidade na correspondência de Liddy Chiaffarelli Mignone para Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2012.

SIERRA BLAS, Verónica. **Aprender a escribir cartas:** Los manuales epistolares en la España contemporánea (1927-1945). Gijón: Ediciones Treal, S. L., 2003.

SODRÉ, Alcindo. O Arquivo do Museu Imperial. **Anuário do Museu Imperial.** Petrópolis: Ministério da Educação e Saúde, 1950. v. 11.

Recebido em: 20/09/2022

Revisado em: 30/11/2022

Aprovado em: 04/12/2022

Publicado em: 15/12/2022

Jaqueline Vieira de Aguiar é doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora de História da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ). Membro dos Grupos de Pesquisa: Instituições, Práticas Educativas e História, da UERJ e Educação de Mulheres nos séculos XIX e XX, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). *E-mail:* profajaqueaguiar@gmail.com